

A Capital Nacional da Moda Tricô

Monte Sião é um município que fica no sul de Minas Gerais, na divisa com o estado de São Paulo. Pela estimativa do IBGE em 2017, conta com 23 247 habitantes. Sua área é de 292 km² e a altitude é de 850m. Monte-sionense é o gentílico para quem nasce em Monte Sião.

FUNDADOR: Dr. Antonio Marcello da Silva - 15/01/1958

Setembro de 2021 - Nº 591

Diretores - Antonio Marcello da Silva (*1931) - Pascoal Andreta (*1915 - + 1982) - Ugo Labegalini (*1931 - + 2012) - Ivan Mariano Silva (*1935 - +2020) - Alessandra Mariano (2020 -)

IVAN

A ligação mais intensa que mantenho com minha infância vive num cheiro de lápis. Lápis Johann Faber. Cheiro forte de madeira nova e curada, de árvore recém-cortada e transformada em lápis de seis lados, fator determinante do profundo aroma, que não seria tão acen-tuado, caso o lápis só tivesse quatro faces ou fosse roliço, penso. Desconfio até que os cilíndricos sejam inodoros, já que comuns. O lápis Johann Faber eu o guardava, ao lado de outros tantos, numa caixinha de madeira adaptada por meu pai de uma embalagem de vacinas do Instituto Manguinhos. Não conheço o Instituto, famoso por suas pesquisas médicas e farmacêuticas, mas o admiro por fazer caixinhas tão boas para abrigar lápis. A tampa, de um lado, meu pai colou ao cofrinho com três tiras de esparadrapo como se fossem dobradiças; o outro podia ser trancado por um fecho que ele fez de fio de platinoide, pino de metal usado para fixar dentes artificiais na raiz. Uma argolinha de metal traspas-sada na frente da caixa e ali fixada recebia o pino em forma de L deitado como um monjo-lo e aparafusado na lateral da tampa. Ficou inexpugnável,

mesmo sem chave ou segredo... e somente eu tinha acesso aos guardados: além do lápis de cheiro, outros de cor, borracha, apontador, gilete, pena e respectivo cabo e um vidrinho de tinta azul, delével, que a tudo borrava caso não se usasse o mata-borrão. Também continha duas ou três bolinhas-de-vidro, um pedaço de régua de madeira e, escrito num papel quanto era 9x6 que jamais memorizei. Só agora, depois de velho, sei que são 58. Quando eu apontava o lápis de cheiro, caíam no interior da caixinha as aparas da madeira – fitas enroladas que saíam do apontador. O grafite apontava-se com a gilete Blue-Blade, nome misterioso, que conferia importância a quem o pronunciasse. Eu jamais disse aquele nome feio, por vergonha

e porque minha mãe sempre me preveniu dos castigos de Deus a quem falasse besteiras. Em compensação, sempre fui desimportante. A função dos rolinhos de madeira era a de impregnar a caixinha de perfume, perfume, repito, de floresta virgem, de tronco decepado, cuja seiva derramada recendia a mata. Só que esse cheiro de infância, de grupo escolar, de professora, de merenda, esse cheiro de saudade inútil, essa lembrança olfativa que me mantém atrelado ao eu criança somente reaparece a cada dez anos, tempo suficiente para deixar de senti-lo, senti-lo e distingui-lo, a não ser quando retorna. Um dia qualquer, ao abrir uma gaveta, a porta da rua, ao passar por uma loja ou ao olhar para uma nuvem ocio-

sa, o cheiro do lápis-de-cheiro irrompe do tempo que passou e me inebria com o aroma da meninice. Então, tudo se me apresenta puro e bom, pois é uma criança que ali voltou ou renasceu. Porém, nunca antes de dez anos. Sinto que está nessa ausência prolongada a resistência do meu vínculo ao menino que fui, pois que estivesse o cheiro permanentemente em minha lembrança, se tomaria comum, portanto, fatalmente esquecido e dissipado. Por haver saltado da infância para a idade adulta – não tive juventude, o elo que o cheiro criou fortaleceu-se por ser pouco inalado e ficar desativado durante a mocidade que não aconteceu. Talvez esteja nas longas ausências do cheiro do lápis e na falta da juventude a minha crença nos adolescen-

tes e meu cuidado e aconchego com os lápis. Sempre os tenho às mãos e com eles tudo escrevo, mesmo esses textos banais que raros de vocês dizem ler, provavelmente por amizade a mim.

Dessa forma, concluí que os vínculos mais fortes em nossas vidas são os mais tênues, como certo cheiro, um lápis, o vento, a água do rio, um ruído que nos desperta do sonho; como uma fraca teia de aranha que prende os grandes perigos para alimentá-la. Nem o poderoso sexo, nem o traiçoeiro ódio, nem a inútil vingança podem tanto quanto as necessidades minúsculas, mas enganosamente frágeis. Estou aguardando a visita do meu cheiro de lápis Johann Faber, quando ele me trará um novo hífen, ligando-me ao

menino escondido, arredo e assustado que fui, na vã intenção de alçá-lo ao dia de hoje. Tenho dúvidas se me recordarei da fragrância da caixinha ou se algum outro lápis me oferece a corda para voltar ao passado. É que, ao escrever este texto, fui até à papelaria, atrás de um lápis para verificar como se escreve Johann Faber. Meus olhos se entristeceram ao ver que, agora, é Ebehard Faber, sem cheiro algum. Descendente traidor e vingativo. Vejam: em apenas uma situação banal sumiram-se a criança e os liames com que me abraçava a essa criança.

Cheiro meu, cheiro da minha caixinha, volte o quanto antes, pois que já se vão quase dez anos da sua última aparição e estou exausto de tanta espera e temendo. Caso você tenha se perdido e esvaído no espaço, que eu também me perca a mim mesmo e me torne um fantasma - sem a juventude que não aconteceu, a criança que me roubou e a velhice que ainda não houve oportunidade de me dar.

Viagem ao extremo sul do Brasil - Final

Em Mostardas, RS, ficou combinado para o dia seguinte - agora com a companhia de Eloir - o também fotógrafo de aves, que avançáramos mais para o sul em direção a São José do Norte. Após Mostardas e até um pouco além de Tavares, ainda na litorânea BR-101, flexionamos à esquerda para conhecermos o Parque Nacional da Lagoa do Peixe, criado em 1986, com os objetivos de proteger amostras dos ecossistemas da região da Lagoa do Peixe, e particularmente as espécies de aves migratórias que dela dependem para seu ciclo vital. O Parque está localizado em uma extensa planície costeira arenosa, situada entre a Lagoa dos Patos e o Oceano Atlântico. Sua paisagem é composta por centenas de dunas, mata de restinga, banhados, lagoas de água doce e salobra, além de praias e uma área marinha com a qual faz uma comunicação direta. O Parque é um verdadeiro Paraíso das Aves Migratórias, pois as águas salobras repletas de invertebrados e peixes atraem bandos de aves de várias partes do continente. Já foram catalogadas mais de 273 espécies, das quais 35 são migratórias. Do Chile e da Argentina chegam flamingos, baturias de coleira dupla e outras. Da América do Norte migram mais de dez espécies de maçaricos, baturias e o trinta réis. O maçarico de papo vermelho, originário do Hemisfério Norte, viaja todo ano para América do Sul e, em março, chega à Lagoa do Peixe, parada estratégica para o retorno ao Ártico que se inicia em abril. Eloir já conhecia muito bem a região e foi o nosso guia neste percurso. Assim, enveredamos por longos trechos de rodovia em sólida areia, pois o Oceano Atlântico estava logo ali, bem próximo de nós. Carlinhos e Eloir, devidamente aparelhados com suas possantes teleobjeti-

vas, mais as nossas companhias, rapidamente se dispuseram a fotografar a fabulosa diversidade de aves, garças e pássaros de todas as nuances e tonalidades que desciam em verdadeiras nuvens sobre a planície alagada. Em meio ao gado, sobressaíam vigorosos exemplares de cavalos pantaneiros saboreando aquela planície totalmente recoberta de gramíneas. Um verdadeiro paraíso na Terra! O dia exibiu-se belíssimo, céu muito azul espelhando-se nas águas calmas e adornadas dos alagados. Aquela visão do Parque Nacional nos proporcionava, com desdobrada alegria, a real dimensão de um país com extraordinários e raríssimos recursos naturais, poucas vezes encontrados em outras partes do mundo. Mas, infelizmente, como sempre, havia também sérios problemas contrapondo tanto júbilo. Lembremo-nos: todo e qualquer Parque Nacional é protegido por lei Federal e não podem admitir intervenções estranhas que coloquem em risco a área preservada. Mas, o ser humano, infelizmente, nem sempre segue com rigor e o devido respeito para com a Mãe Natureza. Assim, um dos grandes problemas encontrados neste Parque são as vastas plantações de Pinus em áreas descontínuas e a exploração das resinas que estas árvores produzem, além da numerosa quantidade de gado espalhada por todos os lados. Uma árvore de pinus pode produzir resina por até 15 anos, a partir do oitavo ano de vida. A resina é matéria prima para a indústria. Ela produz a essência da terebintina e breu, usados na fabricação de cosméticos, pneus, tintas, gomas de mascar e também um produto usado para o tratamento dos sintomas do reumatismo, torcicolos e contusões. Depois de vagarmos durante horas pelas planícies alagadas e muitas fotos de pássaros

e aves, percorremos mais de 30 quilômetros pela praia do Atlântico sempre observando atentamente a maré, em direção norte até a Barra da Lagoa do Peixe, que é outro ponto de grande concentração de aves migratórias.

Muitas horas depois, retornamos ao asfalto da BR-101, rumo ao sul. Em São José do Norte, instalamo-nos num ótimo hotel, onde serviam almoço e jantar. Resolvemos jantar ali mesmo e desfrutamos de uma comida de ótima qualidade. Dalí, forçosamente embarcáramos numa balsa, previamente agendada, para uma pequena travessia de 35 minutos pelo extremo sul da Lagoa dos Patos, trecho este onde suas margens esquerda e direita quase se encontram, mas necessário para atingirmos a cidade de Rio Grande, na margem oposta de onde retornaríamos ao circuito das rodovias para o nosso acesso ao Chuí, ainda distante 242 km pela BR-471. A viagem continuava tranquila como sempre e logo chegamos ao ponto extremo meridional do país, exatamente o local onde começa o Brasil. Os pontos extremos são as partes mais distantes entre si no território brasileiro ou em qualquer outro país. A distância entre o extremo norte brasileiro e o sul é de 4.394 km em linha reta. Já a distância entre os pontos leste e o oeste é de 4.319 km, também em linha reta. Com este assunto em pauta, acho bom lembrarmos que o nosso ponto extremo norte não é o Oiapoque, pois este se situa no extremo setentrional do Amapá, e até porque durante muito tempo ele foi considerado pelos desavisados como o ponto mais ao norte do Brasil. Errado. Ele é sim o ponto extremo norte do litoral brasileiro, não do Brasil como um todo, além de se situar no Amapá. Portanto, esse título, verdadeiramente, cabe ao Monte Caburá, loca-

lizado no município de Uiramutã, nordeste do estado de Roraima. O Monte Caburá tem 1.465 metros de altitude e encontra-se inserido no Parque Nacional do Monte Roraima, e dividido ao meio pelo estado de Roraima e a República Cooperativa da Guiana. Bem, voltando ao nosso destino, o Chuí é um rio que tem duas funções: marca a fronteira entre o Brasil e o Uruguai e é, geograficamente, o nosso extremo sul, assim como ele é também o ponto extremo norte do país vizinho. Infelizmente, não há um único monumento demarcando o ponto extremo sul do Brasil, mas o rio nos dá a certeza disso. Para tanto, percorremos um trecho do Uruguai e passamos com muita facilidade entre as fronteiras dos dois países. Depois de tudo fotografado e percorrido, retornamos à cidade de Chuí, curiosa porque sua área central, bastante movimentada e com ótimo comércio, é dividida ao meio por uma grande avenida: de um lado, temos a cidade de Chuí brasileira e, de outro, a cidade de Chuy, (assim mesmo, com “y”), uruguaia. O lado uruguaio possui dezenas de belas lojas de departamento com produtos de excelentes qualidades, mas o preço é sempre estabelecido em dólares ao câmbio do dia. Ao pagarmos qualquer conta, o valor em dólar é transformado em real e aceito em qualquer estabelecimento.

Ao final das compras, escolhamos a churrascaria “Il Forte”, na Chuí brasileira. Bons vinhos e churrascos, mas o vinho chileno “Panul, Cabernet Carménère - Estate bottled”, produto dos Vinhedos Marchigüe, foi disparado o melhor que tomamos em toda a viagem, opinião garantida por 100% da equipe de quatro apreciadores! Infelizmente, não conseguimos encontrá-lo à venda em lugar nenhum. No interior da churrascaria, um grande aquece-

dor deixou o Minuano pelo lado de fora e nos ofertou de bandeja, um calorzinho na medida certa. Seguramente, uma noite inesquecível. No dia seguinte, inicia-se o nosso retorno após 2.200 km de rodovias desde nossa saída até chegarmos ao Chuí, roteiro pelo qual passamos por 28 pedágios num total de R\$ 168,00 – já incluído o pedágio da Rodovia Graciosa, no Paraná, aonde ainda haveríamos de passar no roteiro da volta. O trajeto de retorno se deu até Mostardas, no dia 27 de Maio. Pernoite no mesmo Hotel Estrela do Mar e, manhã seguinte, após as despedidas do amigo Eloir, seguimos pelo interior do Rio Grande do Sul, no qual passamos pelas cidades de Canoas, São Leopoldo, Novo Hamburgo, Caxias do Sul e acabamos por pernoitar em Bento Gonçalves, aonde chegamos ainda em meio à tarde e seguimos direto para a região das vinícolas. A Vinícola Almaúnica, curiosamente foi a única a ser visitada. Experimentamos alguns vinhos, porém os preços não eram nada convidativos. Buscamos um hotel e nos estabelecemos no Dal-londer, de ótima qualidade. À noite, preferimos um bom rodízio de pizzas na cidade, com atendimento de primeira. Até pizzas que não estavam previstas no rodízio foram elaboradas e a nós servidas conforme nosso desejo. Novamente na estrada, passamos pela Cidade Alta, distrito de Lages e pernoitamos no Íbis Hotel, em Curitiba, no dia 23 de Maio, Domingo. Após o banho, optamos pelo restaurante Porcini Trattoria com excelente cardápio. Manhã seguinte, deixamos Curitiba e fomos apreciar as belezas da Estrada da Graciosa, com 28,5 km, ela que foi anteriormente o caminho dos tropeiros que desciam para o litoral, desde sua construção em 1873. Seu traçado é repleto de curvas e atravessa uma densa flo-

resta de Mata Atlântica revelando belas paisagens. Passamos por dezenas de vilas e povoados até chegarmos às margens do litoral, na cidade de Morretes, esta que nos surpreendeu plenamente pela limpeza e os cuidados para com a preservação das residências, praças, prédios, coretos e Igrejas com alguns séculos de existência. Muitas fotos para demonstrar que o antigo, não necessariamente, torna-se obrigatório ser posto abaixo para dar lugar a edificações modernas. Nota dez para a administração pública.

Em tempo: hoje, dia 2 de Setembro, leio na internet uma triste notícia: fortes chuvas na região de Curitiba causaram sérios estragos num trecho da Estrada da Graciosa. Um grande deslizamento levou 40 metros da rodovia morro abaixo e bloqueou totalmente a estrada para o tráfego de veículos. Previsões dão conta de que a rodovia poderá continuar bloqueada por vários meses. Sorte a nossa!

Retornamos após rumo à nossa cidade ainda distante pelo menos por uma distância de 300 quilômetros. No portal de saída da Estrada da Graciosa, parada obrigatória para mais algumas fotos e também para que o amigo José Ayrton, fã incondicional de pinhões cozidos, adquirisse vários pacotes desse saudável produto. Após um rápido almoço num restaurante de estrada, finalmente chegamos no dia 29 de Maio à Jaguariúna, aonde deixamos o carro de Nivaldo, e após as despedidas dos dois irmãos, passamos para o veículo de José Ayrton para rodarmos mais alguns quilômetros até Monte Sião.

Final de uma belíssima viagem de 4.400 quilômetros entre ida e volta. Restaram-nos muitas fotos, lembranças e uma saudade que promete ser para sempre!

PAPA FRANCISCO

TONINHO GUIRELI

Normalmente os Papas (grandes mestres da Igreja de ontem e de sempre) deixam um método teológico luminoso e seguro. A espiritualidade desses Santos Padres, o constante estudo, a leitura diária, seu saber religioso, tudo isso faz desses especiais filhos de Deus, santas pessoas que se propõem a cada vez mais conhecer a Sagrada Escritura e a própria tradição cristã.

Sabemos que o Papa Francisco lançou uma intenção de oração profunda, para que não sejam saqueados os recursos do planeta, mas partilhados, porém de forma justa e responsável, e que essa liderança do Papa Francisco pela emergência climática seja exacerbada. Só que ele não pode fazer isso sozinho. Ele precisa que o ajudem nessa enorme tarefa e por isso clama pela comunidade católica global, para que também para isso se mobilize.

O Papa Francisco está convidando jovens católicos de todo o mundo para

uma conferência online de 3 dias, que está sendo chamada de "Economia de Francisco". Essa ação climática está mostrando um crescimento muito grande, e já indica que o dinheiro de imposto deve ser investido em uma economia de energia renovável e justa, que seria evidenciada com o apoio aos trabalhadores comuns e aos nossos filhos, mesmo que a longo prazo. E o Papa Francisco nos pede para abraçar a partilha, não o saque.

O pior é que sabemos que as empresas de combustíveis fósseis provocam as mudanças climáticas, causam a fome e a instabilidade econômica, aumentam o risco de doenças. Elas causam destruição às comunidades e ecossistemas com as atividades que praticam, de uma maneira que é proibida em seus países de origem. Pois daí fazem aqui no Brasil e nos países próximos, e por isso o Papa Francisco está defendendo ações contra essa atitude errônea e destrutiva dessas famigeradas empresas.

E o nosso Brasil deve

ficar alerta quanto a essas Corporações de Combustíveis Fósseis, Consórcios de Mineração, Grandes Agronegócios, que estão buscando esses momentos de crise para firmar sua posição na economia nos próximos anos, mesmo que após o sucesso venha logo em seguida a destruição e o caos climático.

E o nosso querido Papa Francisco ora está denunciando essas corporações que estão "saqueando" e "espremendo os bens do planeta". E ele disse que o momento é de fazer uma transição justa para uma economia de energia renovável e saudável. E diz o nosso Papa Francisco que o momento é de começar a pagar a dívida ecológica que é devida às nossas irmãs e irmãos mais pobres.

E, disse também o Papa Francisco, que este ano (2021) será um bom ano se as pessoas cuidarem umas das outras e salientar que, além de uma vacina contra o "coronavírus", o mundo precisa de uma "vacina para o coração".

O povo está preocupado, visto que estão surgin-

do notícias de que o nosso querido Papa Francisco renunciará após o Natal. O site Express, do Reino Unido, disse que o Papa serviria só por sete anos e dois cardeais já estão sendo apontados como eventuais sucessores de nosso Papa Francisco, e são o cardeal filipino Luis Antonio Tagle, 62 anos, arcebispo de Manila (seria o primeiro papa asiático) e o cardeal de Gana, Peter Turkson (seria o primeiro papa negro e de origem africana).

A igreja católica já teve 266 papas. O primeiro, São Pedro, foi um dos 12 apóstolos. Durante o século 21 a Igreja Católica já teve 2 papas: Bento XVI, que foi papa durante os anos de 2005 a 2013 e renunciou, e o Papa Francisco, atual pontífice. O Papa Francisco, que nasceu em 1936, é um religioso católico, que se trata do 226º papa da história da Igreja, e que é o 1º Pontífice não europeu em 1200 anos. Foi eleito Papa no conclave de 13/03/2013. O Papa Francisco, ou Jorge Mário Bergoglio, nasceu no

Bairro das Flores, em Buenos Aires, Argentina, em 17/12/1936. É o 1º Papa vindo da América Latina. Seus avós, imigrantes italianos, chegaram à Argentina em 1927, acompanhados de seus filhos, e entre eles o Mário, que veio a ser o pai do Papa. Ele era ferroviário, e a mãe Regina Maria Sivori, dona de casa. Ele frequentava festas e gostava de ficar com amigos, como qualquer jovem, e não perdia as missas de domingo. Com 17 anos já começou a ter vontade de seguir a carreira religiosa. Porém, veio a contrair uma doença respiratória, e teve que retirar um pulmão.

Em 1986, passou alguns meses na Alemanha, para terminar seu doutorado. Em 1990 passou a ser bispo de Buenos Aires, e em 1998 a arcebispo primaz da Argentina. Havia época que ele mantinha uma rotina que iniciava às 4 e meia da manhã e terminava às 9 horas da noite. Ele morava sozinho em um apartamento da arquidiocese, na linda Catedral de Buenos Aires. Esteve no Brasil em 2007, para a 5ª.

Conferência do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, realizado em Aparecida, durante visita do Papa Bento XVI.

Após sua eleição, o novo Papa se dirigiu ao balcão da Basílica de São Pedro para saudar a multidão que o esperava na Praça São Pedro. O nome Francisco foi escolhido por Bergoglio em referência a São Francisco de Assis. O Papa Francisco recusou-se a viver no luxo do Palácio Episcopal e preferiu morar na casa Santa Marta e assim refez seu compromisso com os pobres. Em 22/07/2013 o Papa Francisco desembarcou no Rio de Janeiro, para a Jornada Mundial da Juventude, que reuniu mais de 1 milhão de jovens de várias partes do mundo.

Batalhas de Copérnico: as forças

JOSÉ ALAERCIO ZAMUNER

Ciclos, 1543 - 2021

Há uma força nos dias

Fatal entropia

Que o gado percebe

Que a mata percebe

Dói-lhes na medula

Formas amorfas

Pelas bordas das ruas

Beira abismo

Limite avesso do Cosmos

no agudo oriente

no obtuso ocidente:

Princípio do Caos...

Princípio fatal do Caos na organização dos dias de Copérnico. E não percebem.

Não percebem. As eternas bordas sempre giram vórtices. Sugam todos a um centro centrípeto: rotatório, circular, curvilíneo.

Um buraco negro é o funil do Cosmos. E redondo.

É mesmo o fiofô do Mundo!

Batalha de Copérnico: as forças

Ainda Ciclos, 1543 - 2021

TADEU RODRIGUES

a magnífica incompreensão que os solitários sentem quando se identificam cruzando a rua com outros solitários, se explica com o sorriso inexpressivo dos que se entendem por dentro.

quando os olhos se abraçam despidos de companhias, ou o que quer que as sejam, como soa grande o barulho da solidão dos aviões, ainda que cheios de gente procurando por barulhos que nada completam.

Ando só

gosto de ver o avião daqui do chão. ele voa desafiando a confusão estranha do vento natural e mecânico. daqui, posso mergulhar suas asas em um piano, ninguém mais vai ouvir;

somente eu e aquela que me fez escrever uma dedicatória inteira, perdida no sebo mais antigo do país, no livro mais antigo da prateleira, na palavra mais antiga do sentimento prévio que ganhamos em forma de dom ao nascer.

prefiro a escuridão da

noite às vitrines iluminadas, a sombra da madrugada à beleza do fim de tarde, o irrecorrível solitário à simpática multidão.

EXPEDIENTE

ENTIDADE MANTENEDORA: Fundação Cultural Pascoal Andreta

Fundador – Antonio Marcello da Silva

Diretores – Antônio Marcello da Silva (1958-1962); Pascoal Andreta (1962-1972); Ugo Labegalini (1972-2012); Ivan Mariano Silva (2012 - 2020) e Alessandra Mariano (2020 -)

Conselho Administrativo – Bernardo de Oliveira Bernardi, Diogo Labegalini de Castro, José Cláudio Faraco e Alessandra Mariano Silva Martins.

Diagramação – Luis Tucci - MTb 18938/MG

Fotografia – José Cláudio Faraco

Direção financeira – Charles Cétolo

Secretário de Redação – Carlos Alberto Martins

Jornalista responsável – Simone Travagim Labegalini (MTb 3304 – PR)

Colaboradores – Alessandra Mariano, Arlindo Bellini, Aroldo Comune, Antonio Edmar Guireli, Antonio Marcello da Silva, Bernardo de Oliveira Bernardi, Bruno Labegalini, Eraldo Monteiro, Ismael Rielli, Ivan Mariano Silva, Jaime Gotardelo, José Alaércio Zamuner, José Antonio Andreta, José Antonio Zechin, José Ayrton Labegalini, José Carlos Grossi, José Cláudio Faraco, Luis Augusto Tucci, Luiz Antonio Genghini, Luis Fraccaroli, Matheus Zucato Robert, Rodrigo Zucato, Tais Godoi Faraco, Zeza Amaral.

Colaborações ocasionais serão apreciadas pelo Conselho Administrativo do jornal que julgará a conveniência da sua publicação. O texto deverá vir assinado e acompanhado do RG, endereço e telefone do autor, para eventual contato. Cartas enviadas à redação, para que sejam publicadas, deverão seguir as mesmas normas. Toda matéria deverá ser enviada até o dia 20 do mês (se possível através de e-mail) data em que o jornal é fechado.

Redação: Rua Maurício Zucato, 115 – Fone (35) 3465-2467

Monte Sião fica no sul de Minas Gerais, na divisa com o estado de São Paulo. Pelo censo de 2010, conta com 20 870 habitantes. Sua área é de 292 km² e a altitude é de 850m. Monte-sionense é o gentílico para quem nasce em Monte Sião.

jornal.montesiao@fundacaopascoalandreta.com.br

Supermercado e Casa de Carnes

Oliveira

A melhor carne da região!

Pça. Renato Franco Bueno, 80 - Centro - Monte Sião - MG - Cep 37580-000

(35) 3465 1817 / 3465 2109

105

AUTO PEÇAS

vivo

9 9852 5105

3465 3105 - 3465 5105

MAZA

ALINHAMENTO E BALANCEAMENTO DE RODAS, ESCAPAMENTOS, AMORTECEDORES, BATERIAS

PNEUS

RUA CELSO SEBASTIÃO SIMONETI, 38 (ANTIGO MATADOURO)

3465-5463

MECÂNICA

NETOS

nacionais e importados

Fone: (35) 3465 2772

Rua Jair Zucato, 136 - Centro (Prainha)

Ernesto A. G. Bacellar

Engº Mecânico Automobilístico

Monte Sião - MG

CEP 37580-000

DELTA FOTO

G

PAPELARIA

Mania de vender mais barato!!!

Material Escolar e para Escritório

Suplementos para Informática

Cartuchos compatíveis e remanufaturados

Fotos 3 X 4 na hora

A MELHOR E MAIS BARATA

REVELAÇÃO ANALÓGICA E DIGITAL 24 HORAS

35 3465-3124

Av. das Fontes, 136-C-Monte Sião

SUPERMERCADO SHIMODA

Onde seu dinheiro compra mais

Avenida Brasil, 205 - Fone 35 3465-1300

Rua Tancredo Neves, 300 - Fone 35 3465-1175

Monte Sião - Minas Gerais

AGULHAS E ACESSÓRIOS PARA RETILÍNEAS

Representante Autorizada da marca KERN-LIEBERS

DERBY Textil

Av. Monte Sião, 925 Bela Vista Águas de Lindoia/SP

(19) 3824.2499

(35) 99138.0307

Trabalhamos com remalhadeiras "Complet" novas e usadas

- Agulhas e platinas para retíneas

- Agulhas e ponteiras para remalhadeiras

- Bobinas e seletrores

- Óleo lubrificante

- Klimp para limpeza interna

DROGARIAS **ULTRA**

POPULAR

Rua Presidente Tancredo Neves, 373 - Centro (em frente ao Itaú)

(35) 3465-1120 / 3465-5633

Monte Sião/MG

Rua Argentina, 19 - Centro (no Baixo)

(19) 3924-1196

Águas de Lindoia/SP

dynamise

Farmácia de Manipulação e Produtos Naturais

(35) 3465 2060

(35) 98815 2060

Rua Abílio Zucato | 274 | Monte Sião | MG

dynamisemanipulacao

Dynamise Farmácia de Manipulação

www.dynamisemanipulacao.com.br

Programe sua festa - nós temos o local!

RESTAURANTE DA LICINHA

Espaço para 250 pessoas

Km 6 da Rod. M.Siã - O.Fino -(35)3465 1355 - 9 9114 9447

MAIS RESPEITO COM O PORTUGUÊS Nº 35

ISMAEL RIELLI

É mudo, triste e frio
Um coração sem amor,
É como o ninho vazio,
Igual à jarra sem flor

Sem pejo confessa o grande jornalista, escritor, excelente biógrafo Rui Castro, autor de:

O Anjo Pornográfico – biografia de Nelson Rodrigues

A Estrela Solitária – biografia de Garrincha

Carmen Miranda

Ela é Carioca

Chega de Saudade

Saudades do Séc XX

O Humor de Mau Humor

Confessa em uma de suas crônicas na página 2 da Folha, onde com profundo conhecimento, fala de cinema, de música, de política, de Ipanema.

“Não só nunca tive celular como me atrapalho quando alguém me passa um deles e me diz para falar eles desligam automaticamente na minha mão. Nunca assisti a um capítulo de novela, a uma corrida de baratinha ou a um episódio do B.B.B. não tenho facebook nem instagram. Nunca dirigi um carro”.

Tal qual o grande cronista, eu também não tenho, nunca tive e não sei operar telefone celular. Há um bom tempo me libertei das novelas, não me atraem corridas de fórmula 1, não

perco tempo com o B.B.B, não tenho Facebook nem Instagram. já não dirijo mais, não jogo na loteria.

São muitas as coincidências entre mim e Ruy. Só quisera ter a metade da competência que tem ele no manejo da pena.

No primeiro quartel do século 21 ainda é possível viver relativamente bem sem as novidades robóticas, mas do jeito que o mundo caminha, logo, logo tudo isso será imprescindível como o ar, como a água.

Por outro lado o vício arrasador pelo celular deixa aborrecidos e indignados muitos patrões.

Até garçons, entre uma mesa e outra, sacam do bolso o indefectível aparelhinho.

Dia virá em que as empresas terão, na portaria, um guarda celular obrigatório. Para não se angustiar tanto, os viciados poderão compulsá-los na hora do almoço.

Quem entende as mulheres?

Um homem caminhava pela praia e tropeçou numa velha lâmpada. Ele a esfregou e um gênio saiu lá dentro.

- Ok! Você me libertou da lâmpada – disse o gênio.

- Esqueça aquela história dos três desejos, você tem direito a um desejo apenas. Diga o que quer.

- Eu sempre quis ir ao arquipélago de Fernando de Noronha, mas tenho medo de voar. De navio costumo ficar enjoado – falou o homem. – você poderia construir uma ponte até Fernando de Noronha para que eu pudesse ir de carro?

- impossível! – riu o gênio. – pense na logística do assunto. São ilhas oceânicas afastadas da costa. Como as colunas de sustentação poderiam chegar ao fundo do Atlântico? Pense em quanto concreto armado, quanto aço, mão de obra...peça algo mais razoável.

- Sabe, eu fui casado quatro vezes e me separei. Minhas esposas sempre disseram que eu não me importava com elas e que sou insensível. Então, meu desejo é poder compreender as mulheres.

- Vai querer a ponte com duas ou quatro pistas?

Galicismos com V

Vernissage – o dia que precede o da inauguração de uma exposição de pintura (quando se supõe que os artistas dão a última demão de verniz aos seus quadros).

Vien de paraitrê – acaba de aparecer usada no comércio de livros para anunciar ou expor novidades bibliográficas.

Vis à vis – defronte, em face. Pessoa sentada ou colocada na frente do outro à mesa.

Muito gentil a PM de Monte Sião.

Estávamos na Mococa (como cresceu e se desenvolveu aquele bairro e adjacências!) e queríamos voltar pra Monte Sião via Furriéis, passando pelo pesqueiro Lago Azul.

Pedimos informação ao gentil frentista do posto, que não é Ipiranga.

Primeira entrada depois da elevação.

Não a percebemos e rodamos uns 2 ou 3 km. Retornamos.

Deve ser aqui. Um morador no ponto de ônibus não soube informar.

Eis senão quando, do conjunto habitacional, aparece uma viatura da PM mineira. Eram 2 guapos jovens soldados.

Como se chega ao Lago Azul?

Manobram o veículo e disseram, sigam-nos que os acompanharemos até o início da estrada de terra. Atravessamos 2 conjuntos habitacionais que não conhecíamos e chegamos a estrada dos Furriéis, agradecendo surpresos a gentileza dos militares.

Agradecimento que aqui renovamos.

O Franzino Gigante

Chovia a cântaros em Olinda naquela noite escu-

ra.

Numa casinha modesta com um só cômodo sala, cozinha e quarto e mais um banheiro, anexa à Igreja da Fronteira, ali morava o arcebispo de Olinda e Recife.

Batem à porta naquela noite chuvosa e escura.

O arcebispo, que morava sozinho, abre o guarda-chuva e vai abrir o portão da calçada já que sua casinha era um pouco recuada.

Era um mendigo maltrapilho embriagado.

Entre, meu filho, como você está encharcado, vamos trocar essa roupa!

O visitante recusava-se a desvencilhar-se do capote úmido.

Dom Helder insistia. Dispa-se para tomar um banho quente, que eu vou procurar roupa pra você.

O mendigo ajoelha-se e passa a beijar desesperadamente as mãos do santo padre. Entrega-lhe um enorme facão que trazia a tiracolo. Fui contratado para dar cabo de sua vida. Perdoe-me, Dom Helder.

Passando por Pernambuco, no início de sua carreira jornalística, Chico Pinheiro foi visitar o intimorato Dom Helder Câmara em Olinda. Viu pendurado na parede o facão do maltrapilho arrependido.

100 anos

Vivo fosse, o cardeal dom Paulo Evaristo Arns estaria completando 100 anos.

Nasceu em Forquilha, Santa Catarina e está sepultado na cripta da igreja da Sé, em São Paulo.

Com muita coragem combateu, denunciou os desmandos, e torturas da ditadura que durou terríveis 21 anos: 1964 – 1985.

Era cidadão de Águas de Lindóia, galardão que lhe concedi com o apoio de outros 8 vereadores.

O dia da entrega do título foi um evento histórico,

emocionante, muito corrido.

No Cine Yara lotado ele pronunciou um vibrante discurso. Depois rezou missa na Cristo Rei.

Dom Paulo era um frequentador de nosso balneário. Em suas férias costumava vir pra Águas de Lindóia.

Compareceu ao evento a grande escritora Lygia Fagundes Telles que aqui costumava passar as férias, sempre no Hotel Glória.

Orgulho-me de ter homenageado um intransigente defensor dos direitos humanos de saudosa lembrança.

Entre Monte Sião e Águas seu coração balançava.

Ainda criança, órfão trágica e prematuramente, foi criado com esmero e carinho pela mãe “una donna in gamba” como dizem os italianos; uma mulher porreta, como dizem os baianos.

Estudar fora, cursar faculdade naquele então era coisa para poucos.

Hoje, para tristeza do Posto Ipiranga (que está sem combustível) até filhos de porteiros estudam em faculdades.

Naquele tempo, não. Só para os “happy few”.

Ele foi despachado para Alfenas para ser um odontólogo. Formado, instalou seu gabinete no prédio do Dr Credídio, hoje parte do Hotel Cacique.

Foi um dos pioneiros. Tratou de muitas bocas. De fala mansa, mineiro, era amigo de todos.

Fã do Juscelino, gostava de política, mas não foi bem sucedido em sua candidatura a vice prefeito da Pérola das Estâncias.

Depois de 95 anos bem vividos, Agnaldo José Comparini repousa no campo santo de sua adorada Monte Sião.

O jantar

MATHEUS ZUCATO

[O pai] – O jantar cheira muito bem.

[O filho] – O que é?

[A mãe] – Batatas assadas com frango.

[A filha] – De novo?

[O filho] – Tanto faz...

[O pai] – Não gostas?

[A mãe] – Queres outra coisa?

[A filha] – Tens outra coisa?

Silêncio. Todos comem, a procurar, imersos no próprio prato, os detalhes da vida que calam sob a voz.

[O pai, em pensamento] – Eis a gratidão filial. Eis a recompensa das incontáveis e impassáveis horas sobre a cadeira do escritório quente. Eis o calor que me ferve a alma desacomodada com os tempos presentes, tão incontrolável época em que já não se prevê a chuva em dezembro ou o gelo de julho, quem dir-me-á aspirar previsão do espírito dos filhos que crescem conforme própria disposição.

[A filha, em pensamento] – Um emprego: é o que me separa da liberdade. Um emprego que pague simplesmente o necessário para a fuga deste cárcere que me cerca. Quero me li-

bertar em sol, viver em partilha dos que me espelham, fugir desta que não sou, e para isso, antes, escapar dos que precedem minha liberdade aprazível.

[O filho, em pensamento] – Joana, pertenço aos teus pensamentos como pertences tu aos meus neste exato momento de uma refeição apenas aparente, que não preenche a desmedida lacuna que me corrompe o peito? Dignifica-me por um segundo com o vínculo em teus olhos num olhar que nada veja, num devaneio símbolo do desabrochar de meu amor por ti, que ainda se faz semente de esperança inocente. Tenhas-me à mente até fermentar em ti julgamento que me favoreça, e então haverá sentido comer deste prato.

[A mãe, em pensamento] – Ó, restos mortais, fósseis de tantos sonhos assassina-dos da juventude nefelibata; ó, amargor substituto da candura de áureos tempos, subas ao monte da euforia do casamento e te atiras, mas não o faças sem antes levar-me de bom grado pelas mãos...

[A filha, em pensamento] – Vou-me embora! Vou-me se o velho apenas ousar mirar-me. Vou-me como o estouro de um canhão de guerra que de fúria usou a aspeza do cárcere. Rogo-

te, homem, fitas-me, mesmo com o mais ameno dos olhares, fitas-me para que possa enfim explodir de mim em ti em pedaços sem concerto de um vaso muito bem quebrado. Andas, olhas-me...!

[O filho, em pensamento] – Não tenho fome; meus músculos atrofiam-se todos na ausência do ímpeto que fornece a certeza da reciprocidade do amor. Esta mesa não me serve se não tenho em mãos as tuas, Joana. E não há alimento para aqueles que sem o amor não têm fome. Eis, Joana, meu sofrimento perante ti, que não me retornas o recado que deixei em linha telefônica. Basta um toque, mas que seja seu, um toque que aceite este meu impulso frente a ti, e então serei capaz de pôr abaixo um touro e lhe devorar inteira e crua toda a robustez. Ligas-me, ó, por favor, ligas-me...!

[A mãe, em pensamento] – Que sinto por ti, senão um imenso oco desregrado? És feito de carne e osso, fantasma de minha união? És a fonte viva que produziu filhos de tão forte intelecto, ou abandonastes o véu que tão impavidamente retiraste de minha frente? Saias de teu eu-trabalhador, experiente operário conservador dos costumes tão duros, de uma crença na beleza da

vida, fruto unicamente do vil rigor do homem cujo suor é feito de lágrimas. Perdestes a simplicidade encantada pela ideia da soberba cadavérica? Então, que suscito em ti, senão um imenso oco desregrado?

[O pai, em pensamento] – Os trabalhos de Hércules recaem sobre mim, e eu, órfão da jocosidade ainda tão cedo, quando outros nada sabiam do mundo, faço a refeição no silêncio de uma mesa de pensamentos quase audíveis, tão estrondosos se fazem dentro dos olhos que observam batatas e frango remexerem-se nos pratos.

Silêncio interrompido pelo cair de um garfo no chão.

[O pai] – Não tocaste na comida, rapaz? Comes. Amanhã é sábado e tens de trabalhar. Pegas outro garfo para teu irmão?

[O filho] – Foi o meu garfo...?

[A mãe] – Marido, será que podes me dar um pouco mais?

[A filha] – Pego.

**Acesse também
nosso jornal na
internet:**

www.fundacaopascoalandreta.com.br

Adilson Mangiavacchi e a História dos Imigrantes Italianos no Brasil

L. A. GENGHINI

Nos últimos anos pus-me a pesquisar sobre a imigração italiana, a partir da curiosidade de conhecer a trajetória da família Genghini, que radicou-se em Monte Sião-MG.

Nesta lida de pesquisas, conheci o livro, de Adilson Magiavacchi, intitulado “Família Mangiavacchi: Uma História – Da Itália para o Brasil, há mais de cem anos”, edição e publicação independentes, ano 2020, 214p.

Adilson, fez carreira no Exército Brasileiro, chegando à patente de Coronel, mas pela carinhosa e singela narração de seu livro, vamos dispensar a patente e nos referir simplesmente ao Adilson, que nasceu no sítio Bambual, município de Monte Mor, S.P., e lá tem como matriz de toda a sua história de vida, materialmente agitada, mas domada pelo espírito tranquilo daquele que soube conquis-

tar o mundo sem perder a candura e a simplicidade da casa dos pais.

Adilson nasceu em 1954 e eu em 1952, portanto nossas histórias de vida têm em comum o mesmo cenário de época, embora as benesses do progresso tenham chegado a Monte Mor uns dez anos antes de Monte Sião. Tantas as coincidências, que me fizeram imaginar haver encontrado um companheiro para longas prosas, e já estava urdindo planos de ir até Campinas para um encontro.

Voltando ao livro, o Adilson foi muito além de documentar a trajetória da família, tendo tido o cuidado de documentar detalhes de tudo o que se referiu ao cotidiano e à vida no sítio Bambual, nos últimos cem anos, aproximadamente. Além de documentar a origem da família nos arredores de Siena (Itália), a viagem até o porto de Gênova, a travessia pelo vapor Rei Humberto I, a chegada

ao porto de Santos em setembro de 1901, a fenomenal subida da Serra do Mar pelos vagões içados por cabos de aço, a estadia na Hospedaria dos Imigrantes, no Brás, em São Paulo, o contrato dos nonni e os filhos para irem trabalhar na lavoura de café na cidade de Tietê, o início de vida e integração na América, com todas as dificuldades comuns a todos os imigrantes daquele período.

Mas, muito além dos primeiros capítulos, de interesse histórico inestimável, o livro fica gostoso mesmo de ler a partir da narrativa que se inicia em 1919, quando o nonno e os filhos já reuniam condições de adquirir o sítio Bambual, nas imediações de Monte Mor. Estava dado o primeiro passo per fare l'América.

Na narrativa, sempre otimista e alegre do autor, das peripécias da família no Sítio Bambual, por cerca de cem anos, o Adilson destila

sua alma em doces relatos que incluem tudo num tom de nonno contando histórias, sem pender para a pieguice, mantendo tudo tão acessível e agradável que vale a pena recomendar a leitura a todos, especialmente àqueles na faixa dos 50-70 anos.

Ali todas as reminiscências são poesias! O convívio familiar, o trabalho na terra, as lavouras, o gado, a religião, os bailes, as lendas, as caçadas, as pescarias, a escola, o catecismo, os casamentos, os nascimentos, e outras tantas atividades que, naturalmente, faziam parte da vida das pessoas entre os anos 1950 e 1970, aproximadamente.

Como eu também tenho uma trajetória semelhante, em vários momentos me senti parceiro no trabalho na roça, nas farras e no convívio social. Tudo muito igual, só que o Adilson documentou tudo em detalhes (obrigado!). O livro vale como material pedagógico

em escolas, para ilustrar às crianças da atualidade, como era a vida no século passado, especialmente dos imigrantes que se instalaram na zona rural.

À medida em que avançava na leitura, ia me identificando mais com o Adilson – todas as artes que ele fez em Monte Mor eu as fiz em Monte Sião – porém ficava uma dúvida no ar ... em nenhum momento era possível saber se o Adilson permanecia vivo ou não. Então, tomei a liberdade de perguntar à sua filha, a gentil Lícia Mangiavacchi, respeitável jornalista na região de Campinas, e ela me informou que o pai havia partido para o andar de cima dias depois do lançamento do livro (dezembro/2020), levado pelo câncer, contra o qual ele lutou bravamente enquanto terminava o livro de sua vida, seu legado, este que tivemos a grata satisfação de ler e ao qual, humildemente, acrescento esses comentários.

A doença o levou, mas o Adilson deu um jeito de continuar vivendo por intermédio de suas palavras, gentis, cuidadosas, calorosas e carinhosas, documentadas neste livro, que tivemos a honra de ler.

Caso estas palavras tenham estimulado o meu leitor a querer saber mais, eu recomendo o contato com a filha do Adilson, Lícia Mangiavacchi, pelo Messenger, pelo Facebook – https://m.facebook.com/licia.mangiavacchi?locale2=pt_BR ou pelo Instagram https://www.instagram.com/licia_mangiavacchi/?hl=pt-br, que os livros podem ser adquiridos ao preço de editora (cerca de R\$70,00 com despesas de correio já incluídas).

Boa leitura! Até qualquer hora pessoal!

Cicatrizes

BRAZ CHEDIAK

Há muitos anos, saí com o ator Jorge Dória para tomarmos um porre. Ele havia se separado de sua mulher, eu havia me separado da minha. Mais contido, eu guardava um nó na garganta, uma dor no peito. Dória, ao contrário, falava, falava...

Bom ator, demonstrava sua angústia com gestos, imitava a mulher, imitava o travesti que, ele pensava,

seria o responsável pela separação.

No terceiro ou quarto uísque esqueci de minha tristeza e, dando gargalhadas, fiquei atento àquele grande comediante que, de repente, mudou de assunto e, falou baixinho: “Chediak, eu estou velho. Daqui a pouco vou embora...”.

Fiquei em silêncio... Ernest Hemingway disse que “Não morremos de velhos, morremos de velhas feridas”.

Tem razão o mestre: às vezes elas cicatrizam, mas deixam, em seu lugar, manchas da separação. Às vezes elas reabrem: basta um telefonema, um encontro sem querer... e voltam a sangrar.

Nestes dias de isolamento tenho feito constantes viagens por minha própria casa. Tenho descoberto pequenos furos nas paredes, onde outrora havia uma foto, um bilhete, um aviso... e viajo para dentro de

mim, vejo rostos, escuto vozes, vejo marcas de encontros e desencontros.

Diz uma lenda oriental que há milênios existiu no Japão uma espécie de pássaro, chamado Hyoku, que ao sair do ovo tinha apenas uma asa. Assim, desde o instante do seu nascimento, ele procurava a outra metade – uma companheira - e, uma vez unido a ela, se completava e cumpria seu destino de pássaro: Voar.

É apenas uma lenda.

Mas agora, diante do computador, penso em quantas vezes voei - em estado de amor -, pleno, feliz, em Três Corações, em Copacabana, em Ipanema...

Em quantas vezes perdi metade de mim e, sem uma das asas, caminhei bêbado pelas ruas, como uma criança, contando as demolições na cidade, a ferrugem dos postes, as lâmpadas queimadas...

Em quantas vezes sentei com um amigo para chorar

uma tristeza e acabei dando gargalhadas ou ficando em silêncio pensando em partidas...

Quantas vezes contei e lambi minhas próprias cicatrizes, sem perceber que de tudo isto é feita nossa história.

Que de tudo isto é feito a Vida.

O Ninho Da Choquinha Listrada

JOSÉ ANTONIO ABREU DE OLIVEIRA

A árvore se recorda do pouso do pássaro? Este, cravando as unhas no galho, deixa marca? Não me lembro de todos que me beijaram pela vida afora, mas ficou uma impressão geral do gesto. Talvez mais internamente haja um registro minucioso, que não aparece na superfície. Pode ser que a árvore se recorde, tão intensamente dependente das profundidades das raízes e de sua seiva. Cada pouso de ave, uma confissão de apreço. Que a intimidade vegetal

solenize em uma memória de cloroplastos.

O quintal está deserto nesta manhã. Choveu, na madrugada. Os pássaros se esconderam, os insetos recolhidos, até mesmo as lagartas ficaram invisíveis. De tudo desprendem pingos e gotas. Um silencioso horto. Que intensifica o cheiro da terra úmida, cheiro esverdeado, com toques de musgos. E o verdor adquire um brilho encharcado.

O ninho da choca listrada encontra-se vazio. Sobreveiu ao vendaval, à intempérie. Folhas amareladas no chão atestam a violência dos chicotes. Mas a arquitetura

de gravetos entrelaçados resistiu. Não conhecer a quem se ama lança-nos em um mundo de conjecturas. Preciso descobrir mais coisas sobre os hábitos de meus novos amores, no compasso de entendê-los e me situar sem sofrimentos. Amar exige esta disposição ao aprendizado, posto que cada novo amor é uma nova história, um modo inaudito de inaugurar-se em frescor. Por isso se diz que amar rejuvenesce. Tudo se inova e movimenta.

Acredito que se afastaram para buscar alimentos e vão retornar. Nem mesmo sei se já aconteceu a postura dos ovos. Alto ninho, galho

alto. Este meu afeto será assim: uma adivinhação constante. Escolhi a forma mais complicada de simpatia: a que exige paciência e observação. Mas não foi bem uma escolha. Em mim já existia uma apreciação por coisas listradas. O acaso trouxe listras carijós. Ajuntou-se o cantar diferente, o dorso ferruginoso, o mistério esgueirante entre os arbustos.

Caí, dardejado. E a beleza se fez, a beleza que existia na imaginação, agora perto da mão. Todas as manhãs, bem cedo, esta ida ao quintal. Para retirar da simplicidade o que emerge suntuoso. Como se assistisse a um

espetáculo em cujo palco se celebra os matizes mágicos da existência.

Depois de dias de muito sol, o francês foi trazido até o local onde fechou negócio com o mercador egípcio, e o garoto mostrou uma múmia enrolada em linhos que se desfaziam conforme o vento batia. Era muito verossímil, aquele modelo! O empregado francês, feliz, entregou a pequena bolsa de moedas ao garoto, que prometeu entregar o valor devido ao mercador, que não apareceu por ali.

N. R. - José Antônio Abreu de Oliveira, de Var-

re-Sai – RJ, vencedor do XI Concurso “Fritz Teixeira de Salles” de Poesia, faleceu no dia 02/09. José Antônio se tornou nosso amigo e foram várias as suas contribuições para o Jornal Monte Sião. Dizia que sempre era uma alegria para ele receber o JMS. Publicamos nessa edição, em sua homenagem, uma de suas crônicas. Entristecidos pela perda de mais um amigo, nós da FCPA externamos nossos sentimentos para a família e todos os amigos.

COVID19

SIGA AS RECOMENDAÇÕES DAS AUTORIDADES DE SAÚDE

PREVINA-SE:



LIMPE



USE



DISTANCIE



HIGIENIZE



MOMENTOS DE DECISÃO

JOSÉ ANTONIO ZECHIN

Em ciência, tudo é preciso. Dois e dois sempre somam quatro. Na natureza humana, não é assim. Dois e dois podem somar três ou cinco. Ou qualquer outro número. Não sei se você conhece as expressões em inglês explicadas a seguir. Na aviação, “Point of no Return” é usada para considerar o exato ponto em que uma

aeronave terá combustível suficiente para retornar ao seu local de origem. Passando daquele trecho, não poderá mais retornar. Ou volta ou segue adiante. Trata-se de um crucial momento de decisão do piloto, se o avião tiver algum problema. “Break Even Point” significa o ponto de equilíbrio financeiro de uma empresa. Um indicador utilizado para mensurar o limite entre lucro

e prejuízo, o ponto em que as receitas e despesas se igualam. E daí, tomar as providências necessárias. Nos dois casos, ciência e números precisos.

Falemos do ser humano, em si. Creio que na vida de qualquer pessoa sempre existirão momentos decisivos. Um ponto sem retorno. De equilíbrio ou desequilíbrio existencial. Momentos em que não se pode escapar da verdade e exi-

gem definições. Daí, é avançar ou recuar. Acredito que - mais dia, menos dia —, todos chegaremos a alguma encruzilhada, tendo que decidir qual caminho escolher. Para cá ou para lá? Pode ser que - escolhido um caminho -, no meio dele a pessoa poderá se arrepender e decidir voltar. Ou tomar outro rumo.

Daí surge a crucial pergunta: haverá tempo?

Escolinha N.Sra. da Medalha

DIRCE BISCUOLA

Meu nome é Dirce Biscuola de Pinho, sou montessionense, nasci na praça Governador Valadares n. 69 (Hoje Praça Pref. Mario Zucato) onde meu pai Sebastião Biscuola tinha uma barbearia e minha mãe Angelina Penacchi trabalhava nos afazeres da casa criando os cinco filhos.

Hoje lendo o exemplar 590 de Agosto 2021, deparei com um artigo intitulado ‘ESCOLINHA’ do autor ZUCA e de repente um turbilhão de recordações vieram à minha mente, o coração disparou e como se voltasse no tempo recordei o dia em que com 6 anos de idade pedi ao meu pai que queria ir na ESCOLINHA da D. Ina.

Dona Ina, era prima da minha mãe e todos os dias ela passava na frente da minha casa sempre com um ou dois alunos. A “Escolinha” ficava atrás da Igreja e tinha o nome de “Escola de Educação Infantil Nossa Senhora da Medalha”.

Meu pai fez minha matrícula e minha mãe mandou fazer meu uniforme que era lindo (um vestido de jeans beje, com as iniciais bordadas em azul índico no bolso, do lado esquerdo do peito). Essas lembranças

permanecem até hoje no meu coração e na minha memória!

Meu primeiro dia de aula... Sentada na soleira da porta aguardava ansiosa a vinda da D. Ina, sacolinha com lanche preparado pela minha mãezinha, um caderno, lápis apontado pelo meu pai (ele sempre apontava os lápis para mim), e lá fomos nós duas. Quanta expectativa num coração infantil, éramos muitos alunos, me lembro de vários... (Lenir, filha da D. Iracema, Kátia, filha do sr. Cide, Maria do Carmo Andreata, Irma Mariano, Ana, filha do sr. Ico, Ismário Bernardi, Luiz Faraco e muitos outros, éramos 20 alunos, 10 meninas e 10 meninos).

Durante a aula, num momento Ela lançou uma pergunta: Quem se lembra dos nomes dos dedos da mão? Várias crianças levantaram a mão e eu também... então ela (muito sábia, sabia que eu não sabia) me escolheu para responder. — Quais são Dirce, pode falar e eu orgulhosa por ter sido escolhida, mais que depressa fui dizendo:

— Minguinho, seu vizinho, pai de todos, fura bolo e mata piolho!!

Foi uma rizada só. Então D. Ina imediatamente consertou me dizendo:

— Não, esses são os apelidos. Os nomes verdadeiros são... e os enumerou, mostrando na própria mão. — Polegar, indicador...etc.

Nunca mais esqueci esse dia, não pensem que fiquei com vergonha não, estava tão feliz, curiosa e interessada que tudo era motivo de alegria. E assim correu aquele ano de 1952. No final do ano tivemos uma festa, recebemos prêmios e no ano seguinte fomos para a primeira série no Grupo Escolar!

Tenho até hoje guardado com muito carinho a foto do nosso primeiro diploma. As meninas com vestidos lindos azuis e os meninos com terninhos brancos. Ela a nossa amada Professora entre nós trajando um vestido escuro bordado. Quantas saudades. Momentos assim formam a nossa personalidade e à medida que vamos crescendo, são essas vivências que nos ajudam a definir nossas escolhas e traçar nossos caminhos!

Me casei bem jovem, mudei de Monte Sião para Santos e depois para São Paulo, onde moro até hoje. Fiz Magistério e cursei Pedagogia na PUC. Trabalhei no Magistério durante vinte e oito anos, sou aposentada.

Constituí uma família abençoada por Deus, sou mãe de

duas filhas abençoadas e avó de um jovem de 20 anos e de uma linda mocinha de quase 14 anos. Tive a benção de acompanhar o desenvolvimento moral e intelectual de minhas filhas e de meus netos.

Amo minha Monte Sião, nunca deixamos de visitar, passear e curtir minha cidade e acompanhar seu desenvolvimento. Minhas filhas passaram muitas férias escolares na minha cidade natal. Tenho orgulho de ser mineira/paulistana e, acima de tudo, Brasileira. Hoje meus pais e muitos entes queridos já partiram para o Plano Maior. Muitos anos se passaram, mas as lembranças da minha infância, adolescência e os primeiros anos da juventude permanecem em minha memória e em meu coração, como as lembranças da minha querida “ESCOLINHA”. E da D. Ina, assim como da D. Teresa, D. Isde, D. Conceição e do Prof. Aristides, meus professores dos primeiros anos do Ensino Fundamental!

Agradeço ao ZUCA por despertar queridas lembranças da minha infância e ao JORNAL MONTE SIÃO pela oportunidade de poder expor minha gratidão à minha Terra Natal, à vida, às pessoas que fizeram parte dela e a Deus!!!

De manhã

JAIME GOTTARDELLO

Eu acordo toda manhã e paro por alguns segundos para pensar se ainda não morri. Ainda na cama, confiro se a minha bexiga está cheia e se os chinelos estão ao alcance dos meus pés. Ai então eu me levanto.

Parece banal, mas acordar toda manhã pode ser dádiva para alguns e maldição para outros. Para uns, é mais um dia para carregar um fardo muito pesado. Para outros, é poder sentir o frescor da manhã e o

cheiro de grama molhada. Ouvir os passarinhos ou o galo saudando o novo dia. Até prefiro que não tenha sol. Não me importo. Ele e eu não somos bons amigos.

É bom se sentir livre a cada manhã. Livre para fazer escolhas, mesmo que erradas: devo tomar um copo de leite ou uma xícara de café? Banal? Sim, mas é uma escolha livre que não tem preço. E de qualquer modo é mais livre que aquele outro que busca o sucesso e reconhecimento a todo custo, e se

esquece de fazer com que alguma coisa realmente importe.

A noite sempre foi e vai ser a minha amante, mas à medida que envelheço parece que encontro mais tesouros para desenterrar nas manhãs. Sentir o amanhecer a cada dia não deveria ser pesado pela falta de sono ou agitado com as coisas obrigatórias que temos de fazer. Ao contrário, o amanhecer deveria vir cheio de um profundo silêncio e clareza de percepção, se não estivermos mortos.

Acordo e procuro ver mais

uma vez se os chinelos estão alinhados ao pé da cama e percebo a bexiga me dizendo que preciso me levantar. Na dúvida, fico por mais alguns minutos ouvindo a algazarra das maritacas em cima da minha janela. Mesmo que o dia pareça que vai desabar sobre mim ou o jornal diga que hoje vai ser meu dia de sorte. Sigo em frente, como uma garrafa de naufrago.

Não, ainda não morri. O fio da vida ainda não foi cortado. Hora de levantar. Bom dia...

É preciso, a casa, reformar

MARCELO FERRARI

Se utilizar a casa ela se desgasta. Se não a utilizar também se desgasta. Logo, é preciso reformá-la.

A cultura local direciona-se, os abençoados, a construir uma casa e casar-se. Ou casar-se e edificar uma casa. Ou nem casar-se e nem construir uma casa. Ou ainda, compartilhar uma. Tanto faz. O fato é que, no decorrer dos dias e noites, os moradores das portas, janelas e paredes precisam perceber os desgastes que, sensivelmente, vão se manifestando. E não é nem um pouco edificante desprezar o conserto da pequena avaria, pois, com a omissão, ela ganha ânimo e aumenta dia após dia.

É comum, na cidade ou no campo, os habitantes contratarem um profissional - nas respectivas áreas - de modo a fazer a promissora reforma da casa. Troca-

se telha, muda-se a porta, faz-se reparo na cozinha, no quarto, no banheiro, na garagem, na pintura... Natural! Afinal, aquilo que se usa continuamente, aos poucos, se corrói. Os mais experientes afirmam: “a casa nunca termina”. Em minha opinião, estão certos! Ainda mais, agora, nesses tempos de facilidades, imitações, e excessos. A casa de pedra se demuda ininterruptamente.

Por outro lado, mesmo sem utilizar a magistral obra arquitetônica, com o impiedoso tempo, ela tende a ficar obsoleta. Ou ser habitada por seres indesejáveis, tais como: ferrugens, insetos, fungos etc. Isso posto, conclui-se que deve reformá-la também.

Já a outra casa, a essencial e intangível, na medida em que a utiliza, desesperadamente exige completa e inegável reforma. Todavia, esta quase sempre é deixada no banco de reservas. Talvez seja apenas um equívoco dos

detentores da mente ignorar a gritante reforma interior. Nada alarmante, ao menos por enquanto.

Fazer essa reforma é imprescindível. E reformar é transformar. E transformar, geralmente, é inovar. E inovar requer renúncia. E renúncia faz crescer, faz expandir. Paga-se um preço, é verdade. Entretanto, vale o investimento!

Veja-se que a casa interior possui potencialidades infinitas de modo a fazer reformas: Ler bons livros, assistir a peças de teatro, frequentar cinemas, conviver em lugares motivadores, conversar com pessoas que usam filtros nas palavras, ser paciente, positivo, não reclamar, pensar grande, rever atitudes e conceitos prejudiciais ao outros, podar sempre as insistentes ervas daninhas, ter boa alimentação, dormir bem, aprender novos modelos de vida, aplicar a arte do desapego, estudar, desenvolver senso crítico dos fatos, arriscar conhecer o

desconhecido, imaginar a sequência de um ato antes de executá-lo, fazer terapia, romper tabus, acompanhar o progresso e adaptar-se a ele, dentre outras. Essas condutas são padrões executáveis de reformas. E têm para todos os gostos e necessidades. Afinal, como somos criaturas de hábitos, basta tão somente mudá-los. E é bom apressar-se, pois, o futuro logo será passado.

Noah Gordon, no seu livro *O Físico*, descreve um princípio de vida dos habitantes da Inglaterra nos anos 1100 mais ou menos: “Levantar às seis, almoçar às dez, jantar às cinco, para cama às dez, faz o homem viver dez vezes dez”.

Já Judith Viorst, em seu livro *Perdas Necessárias* afirma que “O homem nunca é um produto acabado. Ele se refina, se arranja, se modifica”.

E ainda, no livro *Fernão Capelo Gaivota*, de Richard Bach,

O canto da Poesia



Beijo

Em sua boca
Meu paladar favorito
Sua figura
Pura pintura
Um quadro bonito
Você, distraída,
Arrebatada pelo instante
Num desatino inocente
Acariciou meu ego
Marcou meus lábios
E bagunçou os pensamentos

B. O. B.

Café da Manhã

fiz a mesa
com morangos
avelãs e cerejas
mel orquídeas
framboesas
e você não veio

mas
pra minha alegria
formigas
pardais e abelhas
se fartaram
de minhas
gentilezas

J. Carlos Grossi

Mesa de botequim

“Saudade é o musgo deixado
Pelas sombras da lembrança”.
É como relembrar o distante passado
Dos bons tempos de criança...

Mesa de bar é saudade
É lembrança boa demais.
É muita felicidade
Que o tempo de outrora nos traz...

“São restos de tira-gosto
Gordura no tampo escorrida”.
Lembranças do mês de agosto
Que acalenta nossa vida...

“Riscos de pratos arrastados
E marcas de cachaça escorridas.
Desenhos entrelaçados”,
Imagens de amores refletida...

“Haverá páginas umedecidas
Relatando as tragédias”,
Quando pedi doses sortidas
Ou pãozinho com a média...

“A dor da promessa não cumprida,
E a gargalhada do cumprimento
Espontâneo”- cheio de vida
E ao mesmo tempo um fortalecimento...

“Arrotos azedos de pinga amanhecida,
Chispas de amor, a garrafa sendo aberta”.
As boas lembranças da amada esquecida
E a saudade como um hino que desperta...

“Quando o dono do bar baixar as portas”
E aquelas mesas ali mostrando saudade,
As tristezas e alegrias estarão todas mortas
Restando somente um pouquinho de felicidade...

Arlindo Bellini

(Impossível não brotar do fundo do coração algumas estrofes, quando lemos as “Crônicas da Minha Gente - Mesa de Botequim”, do saudoso Ivan, publicada no Jornal Monte Sião, edição 586, abril de 2021)

Fernão diz: “O corpo nada mais é do que o próprio pensamento em uma forma em que podem vê-lo. Quebrem as cadeias do pensamento e rompam as cadeias do corpo”.

Como se pode constatar, pode-se mudar de cidade, de bairro, de casa, de país. Não adianta! Reformas na casa da alma sempre serão indispensáveis.

Vale recordar das inúmeras vezes em que se enchem bexigas coloridas para as festas – os balões – zinhos surpreendem mesmo sem festas. É fascinante a transformação ao qual se ocorre. Aquele pequeno objeto, quando posto, aos poucos, o invisível ingrediente dentro, se modifica e a magia contagiante de sua metamorfose no ambiente se faz perceber. Simples, contudo edificante.

Recentemente ganhei de presente, da minha esposa e de nosso filho, um aparelho de celular. Comecei, então, a desbravar as funcionalidades do gadgets. Fiquei embevecido com tantas opções que o pequeno objeto retangular possui. Questionei-me: E agora? Com esse oceano de informação que tenho ao meu alcance, que tempo sobrar para fazer minhas reformas? Contudo, logo encontrei a resposta após ouvir a música “Amor Pra Recomeçar”, can-

tada por Frejat.

Veja-se que, também na natureza, os habitantes se reformulam continuamente, na proporção de suas respectivas características. Num pasto, por exemplo, os cupins marcam presença. Num bosque, árvores frondosas impõem respeito pela dimensão conquistada. Numa esplanada, um rio com fortes corredeiras mostra seu fôlego mesmo vindo de longa distância. Num jardim, uma planta brinda as abelhas com sua flor. Parece até que a natureza segue rigorosamente um código de conduta universal: reformar para viver.

Isso tudo exige adaptações. Exige esforço. Exige conhecimento. Exige vontade. Por fim, seguir pelo caminho mais difícil, às vezes, pode deixar a vida mais fácil. Vale, também, esta reflexão: “Toda pérola tem seu preço, mas para a ostra custa a vida”.

Por seu turno, se não utiliza a casa mental, mais urgente ainda há a necessidade de melhorias em seu interior. Ficar estagnado não é saudável. Vai contra a lei do universo, e, como se sabe, águas paradas podem ser focos de “dengue”. É bom nos mexer.

Enfim, a casa já está formada, logo, é preciso reformá-la.

Monte Sião

A Capital Nacional da Moda em Tricô

Setembro de 2021

Nº 591

ANIVERSARIANTES DO MÊS

OUTUBRO DE 2021

Dia 01 Helen Cristina Moraes Luiz Francisco Faria Ingrid Ap. Toledo Cecília	Cristina Tavares Bressan Antonio Nivaldo Diniz Dia 15 Alan Gaioto Benatti Jair Francisco Odino Roseli Gomes de Moraes
Dia 02 Gabriel Labegalini S. Pupo Ortei Ap. Labegalini Everaldo Luiz L. Oliveira	Dia 16 Luiz Augusto V. Labegalini, Maringá/PR Ivone Abrão Mussi Silva Maria Ely Monteiro Castagna Valdene Reis Canela Pery de Oliveira Costa Suely Monteiro de Godoy, São Paulo/SP
Dia 03 Thais Pereira Vilas Boas Lara Rielli Dematei André Labegalini	Dia 17 Andiara Silveira Andreta, São Paulo Benedita Natalina Augusto Carlos Otávio Alves Pereira Dia 18 Helena Monteiro Mussi Marina Righete Patrícia Campos Freire Lourdes Labegalini Monteiro
Dia 04 Francisco Otávio Gottardello Vinícius Gottardello Lopes Vitório Francisco Biscuola, Natal/RN	Dia 19 Júlio César Artuso Jheniffer Moraes de Oliveira Deyse Maria S. Labegalini, S. Paulo (SP) Maria Regina Nicioli, Jundiaí/SP
Dia 06 Priscila Tavares da Silva Mônica Zucato Maria Edna Zucato Rafaela Jácomo Batista Lucas Gomes Cruz Labegalini	Dia 20 Isabela A. Lamare A. Ruiz Rafaela de Castro Canela Ivanir Comune Bernardi Ana Lúcia Queiróz Righete Dia 22 Henrique Monteiro Guinesi Marco Antonio Alves Tatiana Bourqhet Machado
Dia 07 Alexandre da Fonseca Jorge da Silva Shinohara Marcos da Silva Shinohara Rita de Cássia Bernardi Lourdes M. Corrêa Ribeiro Ediana Cláudia Silvério Edvaldo Takahashi	Dia 23 Luiz Righete Dia 24 Flávia Regina de Souza Costa Rogério Jácomo Batista Aurea Comparim, Santo André/SP Dia 25 Getúlio Brasil de Oliveira Ronny Bernardi Silvério Áureo Massao Saguisaka Dia 26 Tatiane Antunes da Costa
Dia 08 Ana Carolina Bossi Veloso João Vítor Couto Odino Alexandre Cley Araújo . Maria Antonieta Z. Gaspardi Jair Francisco Ruiz Gessy Gottardello de Bacellar	Dia 27 Cristiano Caroli Dia 28 Karina Monteiro Dia 29 Aline Simões Comune Jorge Luiz G. Silva Adriana Righete do Amaral Mário Márcio Zucato Dia 30 Bruna Suélen Del Kuminnwper Fábio Monteiro Reginato Maria de L. Souza Bueno Walkiria Canela Dia 31 Carlos Adalberto Daldosso Madelaine Genghini Dra. Rosa le Grazie
Dia 09 Dalva Ap. Souza Bueno José Rafael de Castro Ribeiro Benedito Mendes C. Sobrinho Julines Martins Vedovoto Mariana Silvério da Silva Priscila Ribeiro Corrêa Eliana Labegalini Marcos Aurélio Domingues	Dia 11 Ramiz Caetano Monteiro, nosso conterrâneo, residente em Philadelphia, USA Cássio Righete Souza Bueno Cristiane Evangelista Dia 12 Marina Ap. Barbosa Virgílio Maria Ap. Monteiro Reginato Benedita Marques Corrêa Dia 13 Lucas Righete Pastre José Alexandre Macedo Cleuza Alves Danilo Brumer Le Grazie Lais Rossi Oliveira Daniela Canela Janete Righete Aline Antunes da Costa Ádina Maria P. Machado Dia 14 Evaldo Gomes da Silva Roselene Veloso Labegalini

A todos, as felicitações da Redação!

Atitude altamente elogiável de uma adolescente

J. Claudio Faraco

Karina Freire Corsi, 14 anos, uma bela estudante do 9º ano da Escola Villa Lobos, de Monte Sião, filha de Bruna Fernandes Freire e de Rodrigo Degravi Corsi, certo dia pensou em diminuir seus longos e lisos cabelos pretos. Para tanto, dirigiu-se ao prestigiado salão de Keitt Rissato, localizado próximo à Praça do Rosário. Uma vez no local, solicitou à proprietária Keitt o serviço que pretendia. Em conversa com Karina, Keitt revelou-lhe a existência da ONG Cabelegria, de São Paulo, instituição esta que confecciona perucas com cabelos naturais que seriam doadas para muitas pacientes crianças e ou adultos acometidos pelo câncer. Keitt era a responsável para enviar os cabelos à ONG, caso seus clientes assim o desejassem. Ao ouvir isso, Karina não pensou duas vezes e declarou prontamente sua decisão de também doar as mechas que seriam

retiradas de seus cabelos. Portanto, trinta centímetros de cabelos que, normalmente, seriam varridos e colocados no lixo, foram enviados à referida ONG e hoje, alguma criança ou adulto, certamente, está se sentindo mais incluída e segura numa sociedade que, em casos semelhantes, nem sempre olha com carinho e compaixão para um doente desprovido de seus cabelos naturais.

A elogiosa atitude de Karina, com apenas 14 anos de idade, vivendo uma fase da vida em que a vaidade floresce com força e muitas vezes supera o humanismo, demonstra claramente, que nem tudo está perdido. Para ela, seus progenitores e para a cabeleireira Keitt, nossos sinceros abraços e aplausos, e que este belíssimo exemplo de caridade verdadeiramente cristã, frutifique sempre!

Nota final: colaboraram nas informações: Karina, sua mãe Bruna e Keitt.

Bodas de Ouro

No dia 25/09 Maria Inês Lopes Mussi e Antônio Pedro Mussi completaram 50 anos de união. O casal recebeu de Pe. Valter e Pe. Bruno as bênçãos na pequena capela do sítio da família. O Monte Sião deseja a eles muitas felicidades e que tenham ainda muitos anos juntos.

Prêmio

O Chef João Henrique Faraco, filho de Maria Helena Faraco, nossa conterrânea, foi o vencedor do Concurso de Cozinha do XXVIII Torneio de Pesca de Altura e Gastronômico Porto Calero, em Lanzarote - Ilhas Canárias (Espanha).

Na Espanha desde 2008, João Henrique é proprietário e Chef do restaurante Coentro em Porto Calero. O Coentro tem duas indicações nos guias gastronômicos Repsol e Michelin.

O Monte Sião parabeniza João Henrique por essa conquista e também por levar o nome do Brasil pelo mundo.

Fragmentos 3

Um livro belíssimo. Sensível. O cuidado é a palavra-chave! Portanto, o existir sempre será para o próximo.

2 - É mais fácil manipular um rio construindo uma represa do que prever todas as complexas consequências que isso trará para o sistema ecológico mais amplo. Como as matas ciliares foram arrancadas de seu nascedouro os humanos estão abandonando seus locais de origem. Pessoas imigram, sem saudades, para Canadá, Austrália, Nova Zelândia...

Desde a Revolução Industrial os padrões de vida se alteram cognitivamente. Estamos vivendo a pós-humanização. Assusta?!

A dona de casa hoje não espanca a secretária doméstica que quebrou o prato, mas paga o menor salário para fazê-la trabalhar o mais possível.

Nessa sociedade de consumo as frases usuais, mesmo que inconscientes, são: "Não pensem, gastem". "Consumo, logo existo".

E caminhamos acelerados. De vez em quando paramos e vamos até um local fazer nossas preces. Depois, recomeçamos...

3 - A figura de Ariano Suassuna quixotesco, palhaço da fala e seus saborosos livros. Faz o universo descansar com a Pedra do Reino. Ele

cumprir a profecia, pois profeta-escritor não tem tempo, que quem o ler descobrirá um novo país coerente e cheio de caminhos possíveis. Um cadinho real.

Bom lembrar Suassuna. Bom lembrar Nação Zumbi: "Agora biônico, e eletrosom-sônico/ Alterando as batidas/ No azougue pesado/ Em ritmo crônico/ Tropa de todos os baques existentes/ De longe tremendo e rachando os batentes/ Mutantes até lá adiante/ Pois a zoadá se escuta distante/ Levando o baque do trovão/ Sempre certo na contramão".

4 - As religiões em sua essência são belas. Os humanos têm relação com o sagrado tão longínquo como o planeta Terra.

Um punhado de igrejas proliferam em cada esquina gritando sua verdade e requerendo para si o direito de garantir o céu a qualquer dizimo. Lembro-me do que disse o famoso cineasta norte-americano Woody Allen: "Deus deve ser um cara bom, mas os amigos dele, eu não recomendaria".

5 - Leia: "Quarenta dias" de Maria Valéria Rezende. Editora Alfaguara.

6 - Esta coluna foi diagnosticada pelo poeta José Carlos Grossi (Kuaia) como vírus-mortal!

7 - Beijos gerais.

ARIOVALDO GUIRELI

1 - F. Kafka passou por momentos trágicos em sua vida. Em difíceis cenários onde dores e mortes constantes edificavam o seu dia a dia, como uma metamorfose incomum.

Muitos associam nele o conceito trágico em referendar algo errado, odioso, tético, monstruoso, sofrido, como "um conto de Kafka".

Quero desmistificar esta metáfora.

Entre seus escritos existe um livro: "A boneca viajante" (que foi guardado com carinho por sua mulher e publicado depois de sua morte).

Uma vez Kafka, ensimesmado e desesperançado saiu bem cedo e foi para um parque. Ouvindo um choro sentido de uma criança. E avistou uma criança em prantos. E chegando bem próximo pergunta o porquê do choro. A menina responde que perdera sua boneca. O sofrimento da menina o perturbou. Ao olhar bem fundo nos olhos sofridos disse à menina: - Eu sou carteiro de bonecas. Posso encaminhar uma carta para ela! Venha amanhã cedo que trarei respostas da sua boneca.

A menina imediatamente se esperançou.

No outro dia ambos estavam renovados...

CASA DAS MASSAS
de Lourdes Labegalini

**Pães e Massas Especiais
Panetones e Congelados**

Rua J.K. de Oliveira, 1.170
Fone 3465-1368
Monte Sião - MG

ACEITAMOS ENCOMENDAS

ACM ADRIANO - CHARLES - MAURICE
CONTABILIDADE

(35) 3465-1635
3465-4404

R. Juscelino K. de Oliveira, 1102 - Centro - Monte Sião | MG

Laboratório de Análises Clínicas Bioanálise

Bioquímico: Ferdinando Righetto

- Teste do Pezinho ampliado
- Credenciamento com os Laboratórios: GENOMIC (Teste de DNA) - CRIESP e SAE (São Paulo) HERMES PARDINI (Belo Horizonte)

Rua do Mercado, 866 - Tel (35) 3465-1714 - Centro - Monte Sião/MG

PORCELANA MONTE SIÃO

BIBELÔS EM GERAL - CANECAS PARA CHOPP
VASOS - CINZEIROS PARA BRINDES, ETC.

A única que produz PORCELANA AZUL e BRANCA no Brasil
AGRADECEMOS SUA VISITA

Rua Sete de Setembro - Tel.: (35) 3465-1117 - Monte Sião - MG

Nossos avós já compravam na

Loja do Plácido

A mais antiga da cidade - Desde 1922

TECIDOS - CALÇADOS - CONFECÇÕES - CAMA - MESA - BANHO

Rua Presidente Tancredo Neves, 194
Fone: 3465-1144

VISITE NOSSO MUSEU

ELETRÔNICA MONTE SIÃO
Everson Labegalini

Peças e Acessórios para
Áudio e Vídeo

Rua: Carlos Pennacchi nº 60 - Loja 5 - Centro - Monte Sião / MG
Cel.: (035) 8404-5136